

OLUGAR DA HOLÓFRASE NOS ESTUDOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.

ESTER MIRIAN SCARPA
Unicamp/CNPq

ABSTRACT: This article revisits the concept of holophrase (the use of a single word to express a complex idea) in early child language and argues that the founding questions posited by the study of one- or single-word utterances are still challenging in the field of Language Acquisition. Holophrases generally imply previous syntactic, semantic or pragmatic knowledge projected onto single-word utterances. Some core issues stemmed from approaches of holophrase and single-word utterance at the onset of child speech still exhibit some loose ends and are still open questions. Some such issues are: pre-verbal knowledge of language as opposed to language development after the production of early words; the relationship between preverbal perception and linguistic production; what is innate and what is acquired in acquisition, single-words and bootstrapping. An alternative view to previous syntactic and semantic knowledge is presented by de Lemos and a prosodic view of the early fragmented utterance on the speech of the child is discussed here.

INTRODUÇÃO

Revisitar o conceito de holófrase – o uso, pela criança, de enunciados de uma palavra para expressar uma idéia complexa, especificamente uma oração ou uma proposição – parece-me um bom posto de observação para refletir sobre questões fundantes da área que, segundo procurarei demonstrar, ainda estão em aberto. Neste artigo, veremos primeiramente as motivações sintáticas e semântico-pragmáticas para a proposição da holófrase, nos anos 60 e 70, como unidade operacional cuja interpretação revelaria conhecimento prévio. A seguir, consideraremos que os mesmos critérios que a elegiam como unidade interpretativa básica de conhecimento semântico e sintático primitivo foram responsáveis, vistos por novos prismas teóricos, pela sua retração a partir dos anos 80. Tendo como ponto de partida ou pretexto o conceito e o uso operacional da holófrase, este artigo pretende levantar algumas questões recorrentes na consideração dos dados de produção da fala inicial, mais especificamente na discussão teórico-metodológica ensejada pelo trato da fala da criança e pela busca da sua natureza no processo de aquisição. Elegeremos, para tanto, os impasses presentes na relação entre o chamado período pré-verbal¹ e o chamado período verbal ou linguístico; a polêmica continuidade/descontinuidade na aquisição; a

¹ Assim denominado na literatura como referência às manifestações vocais da criança antes da fala reconhecida como pertencente à língua da comunidade propriamente. Em outras palavras, as manifestações vocais do infans, “aquele que não fala”.

relação tensa entre percepção no primeiro ano de vida e a produção a partir do segundo. Também apresentaremos uma retomada interpretativa do conceito de holófrase, ressignificado dentro de uma visão interacionista.

Começo pela questão fundante da área e que ainda se mantém como desafio teórico-metodológico: o que revelam as primeiras palavras da criança para o investigador? Essa questão é relevante sobretudo porque, na literatura que discorre sobre o que tem sido interpretado de “primeiros enunciados de uma palavra”, nota-se claramente um conflito para o pesquisador:

- a fala da criança mostra muito;
- a fala da criança mostra pouco.

É um conflito que aflora ao se deparar com as questões que envolvem a natureza das primeiras palavras. A idéia de holófrase tem como inspiração exatamente as indagações recorrentes da Aquisição da Linguagem e que buscam explicitar a natureza desse processo:

- quando se dá o início da aquisição?
- quando/como se dá a entrada da criança na língua?

1. ORIGENS E PERCURSOS DO TERMO “HOLÓFRASE”

O termo “holófrase” remonta ao trabalho da filósofa Grace de Laguna (1927), na sua obra *Speech, its function and development*, para designar a “fala de uma palavra”, “enunciado de uma palavra”, que seriam os primeiros enunciados da entrada na criança na sua língua materna. A autora via em tais enunciados estruturas predicativas nas quais um dos termos era linguístico e outro deve ser buscado no “contexto situacional”, através de gestos corporais (olhar, apontar, por exemplo).

Também nos anos 30, a idéia de inteireza está presente no termo usado para a designação da natureza polissintética de línguas indígenas americanas. Segundo esta característica, as flexões de palavras, junto com incorporações de partículas, carregam uma quantidade de informações gramaticais e semânticas que em outras línguas (indo-européias, por exemplo), demandam frases e sentenças inteiras. Segundo Shattuck (1935), a natureza holofrástica de tais línguas fá-las expressar mais nuances de significado do que poderiam ser encontradas em outras línguas sem esta característica. A hipótese de Shattuck parece não ter sido muito influente em inaugurar uma nova metodologia de análise nem ter tido continuidade face às teorias linguísticas posteriores que interpretaram à luz de modelos formais o aludido caráter polissintético, gestáltico, holofrástico das línguas indígenas americanas.

De qualquer maneira, voltando à reflexão sobre a aquisição da linguagem, Bruner (2002), referindo-se ao trabalho de Vygotsky, desenvolvido durante as décadas de 20 e 30, assevera que um paradoxo guia seu raciocínio sobre a fala inicial e a relação desta com o pensamento no desenvolvimento cognitivo: o domínio da criança da fala enunciada ou verbalizada vai de enunciados de uma palavra, passando para duas, e desenvolvendo-se

para sentenças inteiras. Já do ponto de vista semiótico, ou semântico, os enunciados iniciais da criança expressam significados totais, inteiros, como uma *holófrase* (palavra usada retrospectivamente por Bruner), que apenas gradualmente se detalharia ou seria gradualmente mapeada em expressões de frases ou palavras. Dito de outra maneira, a fala externa iria da parte para o todo e o significado, do todo para a parte, e a fala inicial seria dependente do contexto imediato (daí o significado global, “holofrástico”).

O termo ressurgiu, dentro da área de Aquisição da Linguagem, a partir das proposições chomskianas (Chomsky, 1957; 1965), segundo as quais a natureza da aquisição da linguagem² passou a ser a base mesma da principal argumentação em favor do inatismo.

Tais proposições desencadearam estudos que se voltaram para a busca de dados de produção dos primeiros enunciados da criança, uma busca empírica que suprisse a falta de evidências de julgamento de aceitabilidade e gramaticalidade por parte do sujeito falante. Não obstante o fato de que é duvidosa a busca empírica aos dados aquisicionais, busca esta equivocadamente inspirada pela asserção sobre o problema lógico da aquisição da linguagem (ver Chomsky, 1965)³, o que se passou é que pesquisadores foram levados a deparar-se com dados longitudinais que rapidamente foram classificados como “pré-sintáticos” e “sintáticos” e até mesmo “pre-lingüísticos” e “lingüísticos” conforme fossem, respectivamente, constituídos de uma ou duas palavras. Os enunciados de uma palavra seriam pré-sintáticos ou pré-lingüísticos por não serem uma unidade sintática mínima.

O escrutínio mais dedicado dos dados, aliado a perspectivas cognitivistas largamente implementadas por pesquisas na Pragmática e na Teoria dos Atos de Fala, trouxe consequências teórico-metodológicas, com o ressurgimento, nos anos 70, do termo “holófrase”. Essa é a década da descoberta da **mãe**, por um lado, e da **criança**, por outro, vindas de paradigmas diferentes. A mãe ficou com o **uso**: características do input, fala dirigida à criança (FDC), manhês, entre outros tópicos de interesse (ver Snow& Ferguson, 1977; Bullowa, 1977, entre outros). A criança ficou com o **conhecimento**: estudos sobre a bagagem inata, ou que tipo de dotação o bebê traz para a aquisição. Neste contexto, a holófrase nasce dos raciocínios subjacentes à busca do que a criança adquire primeiro (de um ponto de vista mais ou menos cumulativo e desenvolvimental) ou do conhecimento que a criança já traz para a tarefa de aquisição da linguagem (de um ponto de vista inatista de hipóteses de conhecimento prévio).

Dada a constatação empírica⁴ de que as primeiras produções da criança se constituem de enunciados compostos por uma palavra, que antecedem os enunciados de duas (ou mais) palavras, a pergunta é: que tipo de conhecimento lingüístico (subjacente ou explícito) estes enunciados indicam?

² Refiro-me à hipótese de que a criança vem para a tarefa de aquisição da linguagem com o chamado Dispositivo de Aquisição da Linguagem, inato, que conteria regras de todas as línguas do mundo. Tal dispositivo é ativado em contacto com dados lingüísticos primários (sentenças da língua a que está exposta), o que geraria uma gramática da língua em questão.

³ Deve ser lembrado que “como a maior parte dos dados que têm importância e interesse, o conhecimento [da competência lingüística] não é acessível à observação direta”, segundo Chomsky (1965).

⁴ Mas ver Scarpa, 1999, que mostra que os enunciados de uma palavra não são tão frequentes assim, como mostram estudos longitudinais translingüísticos.

A resposta generalizada era que a holófrase indicava um conhecimento prévio lingüístico. Mais: de cunho categorial. A holófrase seria uma palavra com significado sentencial (de um ponto de vista sintático: cf. McNeill, 1970) ou proposicional (de um ponto de vista semântico: Bloom, 1973; Greenfield & Smith, 1976), que indicaria conhecimento prévio ou subjacente refletido ou projetado nos dados. Há variações nesta interpretação de conhecimento lingüístico prévio: como os conceitos iniciais presentes na fala da criança são indefinidos, a palavra e a frase são a mesma coisa (Leopold, 1949; Nelson, 1974). Uma visão ligeiramente diferente é que a palavra enunciada é parte da sentença ou da proposição (Ingram, 1972; Antinucci e Parisi, 1975).

O critério de julgamento, por parte do pesquisador, era genericamente prosódico. A holófrase seria uma palavra limitada por pausa e portadora de um contorno entoacional típico de um enunciado curto na fala da comunidade. Geralmente a holófrase era vista como a contrapartida, ou fenômeno imediatamente antecessor, da chamada “fala telegráfica”, assim denominada para evocar os enunciados infantis de uma ou duas palavras, porém destituídos de palavras funcionais.

Estipulava-se que o conhecimento prévio ou subjacente evidenciado ou refletido pela holófrase era:

Do tipo sintático. O enunciado de uma palavra com contraste entoacional indica conhecimento sentencial ou frasal básico. Esse era o argumento dentro do modelo gerativo padrão (ver Bever, Fodor & Weksel, 1965). Daí a definição dada à holófrase de “enunciados pré-sintáticos”, segundo a qual seriam enunciados que, embora não exibissem propriedades combinatórias, teriam usos comparáveis aos das sentenças e as antecederiam.⁵

Do tipo semântico-pragmático. O mais influente trabalho sobre as holófrases entendidas como atos de fala primitivos, segundo a teoria dos Atos de Fala de Searle, é a de Dore (1973; 1975). Contra a visão de que a holófrase seja uma expressão elíptica da proposição da fala adulta, ou que a holófrase tenha qualquer conteúdo proposicional, seu intuito é resolver o que chama de “controvérsia da holófrase” (os enunciados de uma palavra são ou não de cunho holófrástico?) através da proposta teórico-metodológica de explicar como a criança adquire as convenções lingüísticas de expressar suas *intenções*. Em outras palavras, como emergem as intenções e como se combinam com a aquisição das palavras. Os atos de fala primitivos contêm uma expressão rudimentar de referência (as palavras das crianças, por exemplo) e uma força primitiva atribuída pela curva entoacional. Assim, as variações entoacionais (contorno ascendente, descendente; ascendente alto, ascendente baixo, etc) atribuído a uma palavra como *mama* indica diferentes atos de fala e a entoação é a sua *força ilocutória*. Esse critério leva o autor à classificação razoavelmente categórica de nove diferentes atos de fala, que traduziriam as intenções da criança: requisição (de ação), requi-

⁵ Mais recentemente, segundo versões de Regência e Vinculação da teoria sintática, o conhecimento frasal ou sentencial seria explicado como o processo de parametrização de uma L1, a partir da hipótese de que a criança traz para a aquisição a Gramática Universal, mais uma série de parâmetros a serem fixados pela experiência lingüística. A idéia de holófrase do tipo sentencial seria, assim, totalmente abandonada em prol dos conceitos de parametrização.

sição (de resposta), saudação, repetição, protesto, nomeação, resposta, chamamento e prática.

A função demarcativa da prosódia (no caso, um contorno característico delimitado por pausa) também é reconhecida como critério para atribuir o estatuto de sentença às emissões de uma palavra na fase inicial considerada “lingüística”. Como se vê, um critério demarcativo serve também de argumento de conhecimento categorial/ gramatical subjacente.⁶

Já Greenfield and Smith (1976) preferem enxergar, na holófrase, evidências de “interpretação rica dos enunciados”, segundo a qual não há evidências de sentença nos enunciados de uma palavra, mas “uma estruturada percepção de entidades e relações reais (ou imaginadas)”, combinando “a palavra com elementos não-verbais como gestos, ações, objetos e entoação”. O peso do conhecimento prévio é depositado, então, na percepção do mundo real; o que há de primitivo, é que, no começo, tais combinações “são inseridas num quadro cognitivo-perceptual-de ação” (Greenfield & Smith, 1976, p. 347). Tal esquema perceptual-cognitivo garantiria uma continuidade estrutural entre a holófrase anterior e a gramática “que vem depois”.

Como vemos no que foi exposto, a importância da noção da holófrase nesse contexto é que ela ressalta a dimensão pragmática das primeiras palavras, que seria a ponte que imprimiria *continuidade funcional ou estrutural* entre os primeiros vocábulos já no balbucio tardio (o balbucio padronizado que antecede imediatamente os itens lexicais reconhecidos como tais pela comunidade de fala) e as primeiras combinações de palavras que aparecem, mais tarde, na chamada fase gramatical.

2. ARETRAÇÃO DA “HOLÓFRASE”

O termo passa a ser definitivamente substituído por “enunciado de uma palavra” e começa a entrar em momentos de retração, na literatura da área, sobretudo por causa de questionamentos a pressupostos subjacentes à noções fundadoras da noção de holófrase nos trabalhos sobre aquisição da linguagem.

Do ponto de vista da interpretação pragmática, os contra-argumentos vão na seguinte direção:

a) Fracasso da hipótese de continuidade funcional ou da continuidade do pragmático para o sintático.

O vínculo lógico entre conhecimento e experiência lingüística de cunho pragmático, performativo e comunicativo (pré-lingüístico ou pré-sintático) e a gramática adquirida posteriormente não conseguiu ser demonstrado.

⁶ É uma interpretação prosódica bem diferente daquelas que surgiram mais recentemente sobre as interfaces entre a prosódia e outros componentes lingüísticos, estudos estes implementados por teorias não-lineares da Fonologia (ver Scarpa, 1999a e b). Deve sempre ser lembrado, aliás, que a preocupação central da holófrase era com a sintaxe e a Semântica/Pragmática e não com a Fonologia. A prosódia entrava nela como um critério formal de reconhecimento do que poderia ser considerado um enunciado.

Vejamos um exemplo de proposta de continuidade funcional entre gesto pré-linguístico e sistemas gramaticais resultantes e posteriores. O artigo clássico de Bruner (1975) apresenta argumentos sobre como os sistemas de transitividade e de tópico-comentário das línguas têm como pressuposto aquisicional a ação partilhada e atenção conjunta entre a mãe e o bebê e com o mundo físico. A partir dos 6 meses de idade, a criança e o adulto engajam-se em jogos (empilhar blocos, esconder o rosto atrás de um obstáculo e depois mostrar a face, etc) que patenteiam instâncias de atenção partilhada e ação conjunta. Tais esquemas interacionais formam o espaço da partilha com o outro, no qual a criança vai desenvolver determinadas funções, quer linguísticas, quer comunicativas, primeiro em nível gestual e depois em nível verbal. Assim, segundo o autor, pode-se traçar uma trajetória entre a ação conjunta adulto-bebê e o estabelecimento de papéis no discurso e no diálogo / pessoas gramaticais. Nos jogos referidos, o adulto instauraria a brincadeira enquanto a criança observaria (esconder o rosto, por exemplo). Assim, o adulto toma o papel do “agente” ou tomador do turno (“eu”), a passo que a criança funciona como “paciente” e interlocutor (“tu”). Numa etapa posterior, a criança reverteria os papéis, tomando a iniciativa de começar o jogo ou a etapa do jogo, isto é, assumindo o papel do “falante”, enquanto o adulto seria o espectador, o “interlocutor”. Estes esquemas, gestuais de início, seriam linguísticos quando a criança tiver meios expressivos para as funções. Estas funções primárias têm, além disso, um papel na determinação das funções gramaticais de agente/ação/ paciente, responsáveis, segundo modelos funcionalistas de gramática, pelos sistemas de transitividade nas línguas. Nos jogos descritos, a criança aprende uma espécie de embrião, na ação e interação, em fases pré - verbais, do que mais tarde emergirá como marcação linguística. É primeiro “paciente” ou “objeto da ação” praticada pelo adulto, que é, neste momento, “agente” da ação instaurada por ele próprio. Na etapa seguinte, a estrutura se reverte, com a partilha de papéis: a criança aprende a ser “agente” da ação conjunta, isto é, da qual participam ela e o adulto interlocutor básico. A atenção partilhada, por sua vez, desenvolverá conceitos como tópico/ comentário, uma das maneiras de expressar sujeito/ predicado. O adulto, numa fase pré-verbal, focaliza um ponto de atenção qualquer, espera que a criança acompanhe seu foco de atenção e comenta sobre ele. Isto é, a criança participa de esquemas em que se *focaliza* ou *topicaliza* para depois se *comentar* ou *predicar*. Já noções de ação completa ou realizada vs. ação não-completada, que serão responsáveis pelas marcações de tempo e de aspecto nas línguas, seriam igualmente instauradas em esquemas interativos. Os pontos salientes de um evento são sempre marcados linguisticamente (pelo adulto) ou vocal ou gestualmente (tanto pelo adulto como pela criança). O que é gesto ou balbúcio da criança numa situação de troca comunicativa será verbal em etapas posteriores, através, neste caso, de flexão verbal de tempo e uso de partículas temporais ou aspectuais. Um exemplo corriqueiro é “cai/caiu”, que, tanto na fala do adulto, quanto na da criança observando ações ou eventos ou realizando ações, indicam ação incompleta (ou em progresso)/ ação completada ou presente vs. futuro. As expressões *cai/caiu*, quando instauradas, são “coladas” à ação tanto realizada pela criança quanto pelo interlocutor e posteriormente integram-se ao sistema temporal e aspectual do verbo na língua-alvo.

Entretanto, o vínculo lógico e formal da continuidade entre diálogo ou ação pré-linguísticos e sistemas linguísticos posteriores de caso e transitividade e tópico-comentário

rio não consegue ser demonstrada, pois a relação entre gestos e voz não explicam as formas lingüísticas propriamente (cf. deLemos, 1986⁷).

b) Falta de claro delineamento nos atos de fala (etiquetagem falseável).

A classificação de atos de fala que uma palavra-enunciado, vinculada ao contexto, pode expressar é dependente, muitas vezes, de interpretação subjetiva do investigador, que imprime significados *a posteriori* às intenções da criança. Além disso – e sobretudo – a naturalidade impressa, sem maiores questionamentos, a noções como “intenção da criança”, “percepção do mundo real” não impediam a atribuição de adequação explanatória e critério de classificação de atos de fala. Por outro lado, não há garantia de que a linguagem corporal, gestual, imprima, de fato, o mesmo significado partilhado entre a criança, seu interlocutor e o pesquisador. Novamente a etiquetagem dos significados proposicionais ou pragmáticos perdem de vista o vínculo lógico entre gesto e gramática.

c) Do ponto de vista do conhecimento sintático (conhecimento da unidade básica “sentença”), a holófrase deixou de ser vista como reflexo de conhecimento da sentença. Na verdade, por uma decisão metodológica, passaram-se normalmente a estudar fases mais adiantadas, com dados empíricos de enunciados de 2 ou mais “elementos”, em que se possa observar uma sintaxe em parametrização.

Além disso, com as novas versões da Gramática Gerativa, a noção de *bootstrapping* (alavancagem, ancoragem) superou a noção de holófrase. Os desenvolvimentos das teorias fonológicas não-lineares, das Fonologias Prosódicas e da Fonética Acústica muito contribuíram para a busca do perscrutar do input para descobrir pistas que alavancassem a gramática ou o conhecimento sintático subjacente por parte do infans. O raciocínio é que não há propriedades combinatórias presentes na fala inicial, mas há alavancagem para a sintaxe a partir de pistas prosódicas ou semânticas presentes no input – que podem estar presentes nas primeiras palavras. Assim, por exemplo, o rápido mapeamento de palavras novas em classes e categorias – guiado por pistas fonológico-prosódicas e semânticas – alavancaria o reconhecimento de N e V como categorias sintáticas.

De qualquer maneira, mesmo tendo sofrido retração como unidade eleita de explicação da entrada na língua pela criança, é bom que seja dito que a holófrase – ou o enunciado de uma palavra – carrega, na literatura, uma visão de redução, transitoriedade e transição.

Redução porque são instanciações de sentenças de um elemento, sentenças reduzidas como resultado de fatores desenvolvimentais não –lingüísticos (problemas de processamento, falta de maturidade motora ou neurológica, capacidades comunicativo-informativas ou cognitivas ainda insuficientes, limitação de recursos expressivos para veicular intenções, entre outros fatores).

Transitoriedade porque são indícios de alavancagem para a “verdadeira língua” (ou para o estágio final estável).

⁷ Como veremos mais adiante, o escopo do trabalho da autora não é a gramaticalização do gesto, mas como o sujeito se relaciona com a língua, que se encontra em situação de alteridade radical com relação à criança.

Transição porque são uma ponte entre o estado inicial e o estado final, estável_n: sala de espera para o processo de parametrização, colchão de sustentação entre o que vem antes e o que vem depois.

Por causa disso, apesar da saída de cena até recentemente do termo “holófrase” e das noções primeiras que vieram com ele, o estudo do enunciado de uma palavra tem se revestido de grande importância por tocar em questões cruciais, recorrentes para qualquer investigador que se aventura pela área. Na verdade, o estudo do enunciado de uma palavra tem sido um recorte empírico privilegiado de questões que têm pautado a área nas últimas quatro décadas. O enunciado de uma palavra é

- encruzilhada entre pré-linguístico e linguístico, o que necessariamente toca na questão crucial de continuidade e descontinuidade na literatura da área;
- o encontro entre a percepção no primeiro ano de vida e produção no segundo ano e subsequentes.

Continuidade/descontinuidade.

A mais corrente e influente elaboração da questão de continuidade vs. descontinuidade em aquisição da linguagem é a de Jakobson (1941), que foi chamada *a posteriori* de hipótese “da identidade” ou “da descontinuidade”. Identidade porque adulto e criança movem-se na mesma língua. Descontinuidade por causa do caráter estruturado, simbólico, de implicações relacionais da constituição fonológica das primeiras palavras (léxico primitivo) em contraste com o caráter não-estruturado e errático dos sons do balbucio.

A controvérsia continuidade/ descontinuidade toca diretamente a natureza da passagem entre o chamado pré-linguístico e linguístico (ver Scarpa, 2005, para maiores detalhes). O fenômeno da *descontinuidade* trata da ruptura estrutural ou da reorganização distintiva entre as emissões do balbucio e o sistema fonológico da língua materna, este adquirido no começo da produção das palavras interpretáveis como semelhantes às do adulto. Ainda que Jakobson trace uma relação cronológica ou desenvolvimental entre balbucio e sistema propriamente fonológico da criança, seu postulado sobre a descontinuidade deve ser visto mais com o sentido de natureza linguística diversa entre os sons produzidos no balbucio e os do sistema fonológico da língua materna. Deve ainda ser lembrado que o termo “descontinuidade” foi cunhado na área a partir de observações depreciativas posteriores à teoria de Jakobson e é fruto, o termo, de visões que advogam tanto fortes motivações empíricas, fonéticas, para o fato fônico, como também por teorias perceptualistas sobre o que a criança “adquire” no primeiro ano de vida. No balbucio, segundo ele, a criança realiza uma impressionante quantidade e diversidade de produções fônicas. É capaz de “acumular articulações” que não são encontradas numa só língua ou mesmo num grupo de línguas - consoantes de qualquer ponto de articulação, consoantes palatalizadas ou arredondadas, africadas, cliques, vogais complexas - percorrendo potencialmente todo o espectro vocálico e consonântico. O balbucio seria um “tongue delirium”, biologicamente orientado e apresenta uma contraparte descontínua com as primeiras palavras produzidas. A criança, segundo Jakobson, perde, então, a habilidade de produzir toda a gama de sons do balbucio. Os sons – ou melhor dizendo, o valor distintivo dos sons - que não estão presentes na

língua de sua comunidade, aqueles que não são simbolizados no sistema fonológico de sua língua, rapidamente desaparecem. Mas não só: muitos sons que são comuns ao balbucio e à língua da comunidade também ficam faltando, como também o mesmo som que a criança emitia no balbucio continua, mas com um valor relacional diferente dentro do sistema.

É interessante notar, então, que, para Jakobson, o descontínuo - porque relacional – é que vai imprimir o caráter da identidade entre a língua do adulto e a da criança. Bom também notar que seus traços distintivos, estabelecidos alguns anos depois, são vistos como universais porque atestados nas línguas e não porque são biológicos. São traços de denominação e origem corpórea, estabelecidos acústica ou auditivamente (grave/agudo; compacto/difuso, etc), porém cuja função é simbólica, distintiva, fonológica. Do orgânico ao simbólico, eis o percurso epistemológico de sua fonologia. Além disso, da visão relacional fonológica, junto com a teoria dos traços distintivos, implulsiona-se a visão de marcação que se estende, como o próprio Jakobson (op.cit.) admite, para a gramática.

Apesar do ponto de vista explícito de Jakobson sobre os danos da empiria ingênua⁸, uma visão perceptualista sobre o primeiro ano de vida supõe que a criança “sabe”, mas não “produz” palavras ou contrastes, quer por inabilidade motora, articulatória, quer por limitações de processamento. Trata-se de estudos que mostram semelhança fônica existente entre os sons e a estrutura das sílabas mais frequentes no chamado balbucio canônico (CV) e os sons mais frequentes emitidos no período das primeiras palavras. Prevê-se, portanto, continuidade entre os “padrões silábicos” do balbucio e os sistemas fonológicos posteriores baseados numa noção de semelhança de substância (cf. Oller, 1976).⁹

Além disso, dentro do raciocínio de continuidade, a fala inicial tem instigado questões sobre a relação lógica entre percepção e produção.

Percepção/produção

A questão da relação entre o pré-lingüístico e o lingüístico está hoje largamente dominada pela natureza da relação entre a percepção e a produção. Tal relação tem tido um caráter quase cronológico, temporal ou mesmo causal: ao que vem antes (percepção) segue-se o que vem depois (produção).

Mais uma vez o conhecimento prévio se propõe como pré-requisitivo à língua. A criança **sabe muito** antes de começar a falar – o conhecimento lingüístico é medido através de outro módulo – a percepção auditiva, que mostra como o infante discrimina e segmenta o contínuo da fala.

Quanto mais se aprofundam as pesquisas nos últimos anos, mais radicais as conclusões estão sendo sobre o avanço do processamento no primeiro ano de vida. Pesquisas experimentais mostram, por exemplo, que, durante o primeiro ano de vida, a criança desenvolve a representação mental de praticamente todas as distinções opositivas da língua materna, fonêmicas e sub-fonêmicas (Peperkamp & Dupoux (2002). Não tem ainda a capacidade de produzi-la, mas conhece-as todas.

⁸ Every attempt to restrict the speech sound to an external empiricism is unsuccessful.

⁹ Há outras críticas à teoria da descontinuidade de Jakobson. Para mais detalhes e para um rebate às críticas, ver Scarpa, 2005.

E qual é a relação da percepção pré-linguística e linguística e as primeiras palavras? As conclusões têm sido feitas por estipulações ou aproximações entre trabalhos experimentais sobre processamento e trabalhos tanto experimentais quanto longitudinais naturalísticos sobre a produção linguística, ou ainda tomando como norteador de comparação resultados de pesquisas sobre a gramática adulta, tendo como base geralmente a língua como módulo encapsulado, que interage com outros módulos cognitivos (percepção, memória, atenção). Apesar das descobertas crescentemente interessantes na área de processamento, por parte da criança, da fala da comunidade com o objetivo de melhor desenvolver os processos de alavancagem para a gramática da língua materna (Correa, 2007 ; França, 2007 , entre outros), a relação lógica entre a percepção e processamento do primeiro ano de vida e a produção de enunciados a partir do segundo ano de vida continua sendo um desafio aos pesquisadores.

Outro ponto interessante que desafia o estudo dos chamados enunciados de uma palavra é a questão teórico-metodológica de transparência vs. opacidade dos dados. O debruçar-se sobre os dados de produção, de caráter longitudinal, tem trazido aos pesquisadores a dificuldade de se lidar exatamente com a transparência dos dados da fala infantil. Apenas como ilustração, vejamos os 13 enunciados emitidos em sequência por um sujeito de 1;5.21, ao observar uma luzinha no gravador e em seguida acender e apagar a mesma luzinha. A palavra em questão corresponde ao português adulto “acendeu”, usada ubiquamente para “apagar, acender (tanto como agente como experienciador), observar os raios de sol no tapete, ligar e desligar o maquinismo do brinquedo (tanto como agente quanto como experienciador).

sēdeu	s:ēnəu	sēdeu	sēðY	
deusēdeu	sīnəw	sīdəw	sēdəu	usēda
seneu	usēdeu	sede		~~

Bem frequentemente, depara-se com uma transcrição única, semelhante à forma adulta, para a emissão de dados que exibem uma grande flutuação.

Qual é a natureza das primeiras palavras? Mesmo se se levarem em conta as situações contextuais em gravações em vídeo, deparam-se com a onconsistência semiótica dos primeiros enunciados de uma palavra e com a falta de firme delineamento categoria. A título de exemplo, uma vocalização [a:] é intercambiável com o que na língua adulta seria interpretada como nome ou verbo: [bó] “bola” ou [djá] “jogar”¹⁰. Nos mesmos dados, a mesma emissão (“palavra semelhante ao do adulto”) é usado para situações interpretáveis como nome ou verbo.

Por outro lado, há o desafio, para o investigador, do que considerar como “palavra” para efeito do estudo dos enunciados infantis. O melhor é chamar a essas manifestações de fragmentos enunciativos indeterminados, não-analisados, com um princípio de organização prosódica (para mais detalhes, ver Scarpa, 1999; 2005).

¹⁰ Dados de R., 1;3.19

3. ALGUMAS VISÕES ALTERNATIVAS À HOLÓFRASE.

Numa visão alternativa, de Lemos (2002a) aponta que a leitura holofrástica da fala da criança apaga o fato de que as primeiras palavras são a incorporação de parte de enunciado da mãe emitido em turnos anteriores, de modo imediato ou diferido. Mais: a busca de conhecimento prévio, segundo a autora, impediu de ver, nos chamados enunciados holofrásticos, seu caráter fragmentário:

foi uma adesão irrestrita a uma concepção da linguagem como objeto de conhecimento a ser apropriado por um indivíduo da espécie, definido como unidade de percepção e cognição, programado para essa tarefa, que sufocou a interrogação necessária acerca do caráter fragmentário da fala inicial da criança

De Lemos (op.cit.), numa perspectiva radicalmente pós-estruturalista, de inspiração lacaniana, prefere ver nesses fragmentos,

...restos metonímicos da fala da mãe. Se, em um primeiro momento, eles convocam a interpretação da mãe, isto é, uma cadeia significante com a qual esta assegura seu desejo através do sentido que atribui ao fragmento da criança, em um segundo momento, é essa mesma cadeia que convoca na criança um fragmento de uma outra cadeia que o remete a outra significação.

E, citando Lacan no Seminário- Livro III, As Psicoses (1981/1985: 260):

“Se há uma ordem de aquisição, não é certamente aquela que permitiria dizer que as crianças começam por tal elemento do estoque verbal antes que por outro. Há a maior diversidade. Não se pega a linguagem por uma extremidade como certos pintores começam seus quadros pelo lado esquerdo. A linguagem, para nascer, deve ser sempre tomada em conjunto. Em contrapartida, para que possa ser tomada em seu conjunto, é preciso que ela comece pela ponta do significante.”

A autora nega totalmente a possibilidade de conhecimento prévio e de desenvolvimento (de Lemos, 2002b). Oferece, ao contrário, a noção mudanças de posições do sujeito com relação à língua e o outro. Daí que a assim chamada holófrase são os restos, vestígios metonímicos de uma cadeia significante de uma estrutura da qual participam o outro, a própria fala da criança e a língua.

Numa visão melódica e rítmica dos fragmentos enunciativos da fala da criança, partindo do ponto de vista de que a prosódia é um espaço privilegiado da interface entre componentes, o que prevê a entrada na língua simultaneamente por vários caminhos e que impede a separação ou a ordenação de componentes, e baseando-me em trabalhos sobre os sons preenchedores e aquisição do sândi externo vocálico do português, reúno evidências em favor da robustez do acento nuclear na fala dos sujeitos. Tenho chamado este fenômeno, metaforicamente, de “trajetória de cima para baixo” na aquisição da prosódia, em interação constante com o outros componentes lingüísticos. Parece que o acento nuclear, de cunho entoacional, é o ponto de referência pelo qual a criança é atraída para a linguagem e vislumbra nela um princípio de estruturação. De fato, nos meus dados, os primeiros fragmentos da fala inicial não são emitidos aleatoriamente: formam um sistema entoacional primitivo, com

um conjunto de contornos (distintivos) encontrados desde o começo da produção de “palavras” ou, como prefiro, fragmentos enunciativos (Scarpa, 1999; 2004).

Nos primeiros meses de vida, as modulações da voz da mãe (basicamente movimentos de altura e qualidades várias de voz) mostram-se uma porta ótima de entrada do infante na língua. Cavalcante (1999) mostra as mudanças de posição do infante com relação às modulações de voz da mãe, bem como as mudanças de posição do próprio infante. É a partir das modulações da voz da mãe que o infante se insere na língua e se torna falante. Assim, quando a criança começa a produzir um léxico primitivo e enunciados reconhecidos como tais pela comunidade de fala à sua volta, o acento nuclear, que é a proeminência melódico-acentual própria dos domínios prosódicos superiores, se faz ver já desde os primeiros sistemas entoacionais da criança no começo do segundo ano de vida. Os domínios prosódicos superiores são exatamente aqueles onde se organizam os sistemas entoacionais da línguas, onde se situam as curvas entoacionais e a organização lingüística dos acentos nucleares frasais. O acento nuclear, assim, evoca¹¹ exatamente o espaço simbólico ocupado pelos recortes da voz da mãe ou das modulações da mãe que pontuam a voz da criança. A voz que atrai o infante vai se recompor de outra maneira, dentro dos sistemas de ritmo e entoação do português, quando a criança produz as primeiras “palavras” semelhantes ao léxico de sua comunidade.

CONCLUSÕES

Os dados da fala da criança, então, podem revelar muito para o pesquisador que quer ver nele indícios de conhecimento prévio ou que a eles se voltam com uma visão perceptualista ingênua. Creio que a noção de holófrase nos anos 70 acabaram por carregar esse peso e tiveram que ser substituídos por visões mais cuidadosas no trato dos dados infantis, pelo menos do ponto de vista da produção.

Mais recentemente, a fala da criança tem sido vista como um enigma, que diz pouco ao pesquisador. A visão de de Lemos (2002) segue esse caminho, assim como uma visão que considere o que se chamava de holófrase como uma matriz gestual e vocal significativa inicial, aberta à interpretação do outro e circulando nas falas e nos movimentos da língua, com um forte componente prosódico.

Pode-se dizer, como vimos, que as polêmicas e questões fundantes da área de Aquisição da Linguagem ainda estão em aberto. Revejo algumas:

1) Se é pouco afirmar que aquisição da linguagem se restringe à internalização de regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas da língua materna do aprendiz, por outro lado é ainda pouco clara a natureza da passagem entre estruturas interativas pré-lingüísticas e a gramática adquirida.

2) A natureza do conhecimento lingüístico vinculado ou não ao conhecimento do mundo; a modularidade ou não da língua no processo de aquisição são aspectos cujos polos estão longe de ser cabalmente evidenciados.

¹¹ É bom notar que “evocar”, aqui, não implica em continuidade de unidades lingüísticas, mas uma reinterpretação simbólica.

3) O pesquisador da área enfrenta a dificuldade metodológica advinda da falta de transparência da fala da criança (e da própria fala do interlocutor).

4) O desafio da relação entre conexões neurais e o uso/conhecimento da linguagem ainda está presente nas pesquisas da área.

5) Colocada a questão acima por outro ângulo, como se dá a relação entre mente e cérebro e seu papel na aquisição do conhecimento lingüístico?

Em outras palavras, o desafio ainda continua a ser a relação

- entre o inato e o adquirido,
- entre o biológico e o simbólico,
- entre o lingüístico e o extra-lingüístico,
- entre o sujeito (aprendiz?) e o objeto (a ser aprendido?).

Por que o pêndulo de favorecimento/ desfavorecimento da noção da holófrase? Exatamente porque os dados que tocam o investigador da área estão na encruzilhada das questões centrais e, muitas vezes, polarizadas, fundantes da área e ainda permanecem para instigar velhos e novos pesquisadores.

Voltamos, portanto, ao começo: a questão da holófrase – ou de seu correlato – o do enunciado de uma palavra – ainda é uma questão em aberto. Sua solução – ou a reflexão sobre ela – vem estreitamente ligada à reflexão sobre essas questões fundantes da Aquisição da Linguagem. E isso por si só é fascinante.

REFERÊNCIAS

- ANTINUCCI, F., & PARISI, D. (1975). Early semantic development in child language. In E. H. Lennenberg & E. Lennenberg (orgs.), *Foundations of language development: A multidisciplinary approach*, Vol. 1. Nova York: Academic Press.
- BEVER, T., FODOR, J. & WEKSEL, W. (1965). On the acquisition of syntax. *Psychological Review*, 72.
- BLOOM, L. (1973). One word at a time. Haia, Mouton.
- BRUNER, J. (2004). Introduction to *Thinking and Speech*. In Rieber, R.W & D.K. Robinson (orgs.). *Essential Vygotsky*. Nova York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers.
- BULLOWA, M. (1979). *Before Speech. The beginning of interpersonal communication*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CAVALCANTE, M.B.C. (1999). *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de doutorado inédita. IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- CHOMSKY, N. (1957). *Syntactic Structures*. Haia; Mouton
_____. (1965). *Aspects of a Theory of Syntax*. M.I.T. Press.
- CORRÊA, L. M. S. (2007). O que, afinal, a criança adquire ao adquirir uma língua? A tarefa da aquisição da linguagem em três fases e o processamento de informação de interface pela criança. *Letras de Hoje*, v. 42.

SCARPA — O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem

- DE LAGUNA, G. (1927). *Speech, its functions and development*. Yale University Press, New Haven.
- DORE, J. (1973). *A developmental theory of speech act production*. Nova York, TNYA, 35.
- _____. (1975). *Speech Acts, Holophrases and Language Acquisition*. *Journal of Child Language*, 2.
- FRANÇA, A. I. (2007). *A Interface Lingüística-Neurociência da Linguagem*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, v. 49, p. 151-166.
- GREENFIELD, P.M. & SMITH, J.H. (1976). *The Structure of Communication in Early Language Development*. Nova York, Academic Press.
- INGRAM, D. (1972). *The Development of Phrase Structure Rules*. *Language Learning*, 2, 1, 65-77.
- JAKOBSON, R. (1941). *Child language, aphasia and phonological universals*. Haia, Mouton (tradução para o inglês em 1968).
- DE LEMOS, C. (1986). *Interacionismo e Aquisição da Linguagem*, DELTA, v. 2, n. 2.
- _____. (2002a). *Sobre fragmentos e holófrases*. In: III Colóquio do LEPSI, *Psicanálise-Infância-Educação- Anais do III Colóquio do LEPSI*. São Paulo : USP, p. 45-52.
- _____. (2002b). *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, Campinas-UNICAMP-IEL, v. 42, p. 41-70.
- MCNEILL, D. (1970). *The Acquisition of Language*. Nova York: Harper.
- OLLER, D.K. (1976). *Infant vocalizations: a linguistic and speech scientific perspective*. Miniseminar for the American Speech and Hearing Association, Houston.
- PEPERKAMP, S. & DUPOUX, E. (2002). *A typological study of stress 'deafness'*. In: C. Gussenhoven & N. Warner (eds.) *Laboratory Phonology 7*.
- SCARPA, E. M. (1999). *Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e fatos prosódicos*. In Scarpa, E.M.(org). *Estudos de Prosódia*. Editora da UNICAMP, 1999.
- _____. (2002). *Aquisição da Linguagem*. In Mussalim, F. & Bentes, A.C. (orgs). *Introdução à Linguística. Domínios e Fronteiras*, vol. 1. São Paulo, Cortez.
- _____. (2004). *A natureza dos sons preenchedores na Aquisição da Linguagem*. In: Albano, E.; Coudry, M.I.; Possenti, S. & Alkmim, T. (orgs). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., v. , p. 535-560.
- _____. (2005). *A criança e a prosódia. Uma retrospectiva e novos desenvolvimentos*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 47, n. 2, p. 19-28.
- SHATTUCK, J. H. (1935). *The Tribes and the State*. inédito.
- SNOW, C. & FERGUSON, C. (1977). *Talking to Children. Language input and acquisition*. Cambridge, Cambridge University Press.